

Mulheres em busca de Deus

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Billoteau, Emmanuelle

Mulheres em busca de Deus : descobrindo as mães do deserto / Emmanuelle Billoteau ; tradução de Christian Dino Batsi. - São Paulo : Paulus, 2026.
(Coleção Espiritualidade)

ISBN 978-85-349-6583-5

Título original: Des femmes en quête de Dieu : découverte des Mères du désert

1. Mulheres na Igreja Católica 2. Mulheres — Igreja Católica — Idade Média I. Título II. Batsi, Christian Dino III. Série

26-2132

CDD 271.97

Índice para catálogo sistemático:
1. Mulheres na Igreja Católica

Coleção ESPIRITUALIDADE

- *O espírito de Santa Teresa do Menino Jesus*, Carmelo de Lisieux
- *Santa Teresa de Jesus: mestra de vida espiritual*, Gabriel de S. Maria Madalena
- *A infância espiritual: Santa Teresinha*, Ângelo R. Lucena
- *Retiro com Santa Teresinha do Menino Jesus*, Louis Liagre
- *São João da Cruz: doutor do "Tudo e Nada"*, Pedro Paulo di Berardino
- *Itinerário espiritual de São João da Cruz*, Pedro Paulo di Berardino
- *O amor não cansa nem se cansa*, São João da Cruz
- *São João da Cruz: noite escura lida hoje*, Jesús M. Ballester
- *Vida de Santa Catarina de Sena*, João Alves Basílio
- *Teu amor cresceu comigo: Teresa de Lisieux – Gênio espiritual*, Bem-aventurado Maria-Eugênio do Menino Jesus
- *A Virgem Maria*, Santo Agostinho
- *Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila: mestra de oração e doutora da Igreja*, Pedro Paulo di Berardino
- *Ao sopro do Espírito: oração e ação*, Bem-aventurado Maria-Eugênio do Menino Jesus
- *Pensamentos espirituais sobre São José*, Dominique Joseph
- *Santa Teresinha do Menino Jesus: um convite ao combate espiritual*, Edmilson Borges de Carvalho
- *Magnificat: o cântico revolucionário de Maria, a Mãe de Jesus*, José André Grzywacz
- *As bem-aventuranças: exercícios espirituais*, Bruno Forte
- *O toque do inefável: apontamentos sobre a experiência de Deus em Edith Stein*, Juvenal Savian Filho
- *Mulheres em busca de Deus: descobrindo as Mães do deserto*, Emmanuelle Billoteau
- *São Vicente de Paulo: mestre de sabedoria – espiritualidade vicentina*, Jean-Pierre Renouard

Emmanuelle Billoteau

Tradução:
Pe. Christian Dino Batsi, ssp

Mulheres em busca de Deus

Descobrimo as Mães do deserto



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Des femmes en quête de Dieu : découverte des Mères du désert*
© Éditions Salvator, Paris, 2023, Yves Briend Éditeur S. A.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Tarsila Doná

Luiz Henrique Ribeiro Lima

Design

Victoria Cristina Eduardo

Imagem da capa

Wikimedia Commons

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6583-5

Índice

Abreviaturas.....	7
Introdução	9
1. A vida monástica ou o surgimento de uma vida cristã alternativa.....	19
Questões de terminologia.....	21
Por que essa tomada de distância?	23
Da vida solitária à vida comunitária.....	29
O monaquismo na Igreja	35
Observação final	37
2. As “ammás” das <i>Sentenças</i>	39
<i>Sentenças</i> ou <i>Apoftegmas</i> ?	39
Ammá Teodora: a vitória da humildade	40
Ammá Sarra: agradar a Deus, e não aos homens.....	45
Ammá Sinclética: escolher “a mansidão de Moisés” para “transformar a rocha” do seu coração “em fonte de água”	50
Mães espirituais em pleno sentido.....	62
3. As desconhecidas.....	65
Entre admiração e preconceitos sexistas.....	65
Escondidas sob roupas masculinas.....	66
As reclusas	68

As ammas que se ignoram	72
O que pensar disso?	84
4. As cenobitas e a institucionalização nascente do movimento monástico	85
As monjas pacomianas.....	86
O monaquismo capadócio	91
Ao final deste breve percurso.....	101
5. As peregrinas e as exiladas voluntárias	103
Roma e o monaquismo	104
Melânia, a Velha	106
Paula e Eustóquia	110
Etéria, ou Egéria	121
Mulheres livres	123
6. Tentativa de interpretação e aberturas ao longo dos séculos	125
Homens e mulheres nos Padres da Igreja: uma ambiguidade fundamental	126
Alguns vislumbres da história posterior de mulheres em busca de Deus	134
Humildade e renúncia à vontade própria.....	140
Conclusão: Reflexões livres	145

Abreviaturas

HL: *História lausiaca*

Diário: *Diário de viagem* de Egéria

Sarra: *Sentenças dos Padres do deserto*, *Sentenças de Sarra*

Serapião: *Sentenças dos Padres do deserto*, *Sentenças de Serapião*

Sinclética: *Sentenças dos Padres do deserto*, *Sentenças de Sinclética*

Teodora: *Sentenças dos Padres do deserto*, *Sentenças de Teodora*

VM: *Vida de Santa Macrina*

Introdução

Por que se interessar pelas mulheres do deserto dos séculos IV e V, isto é, por aquelas que abraçaram a vida solitária ou comunitária ao se retirarem da sociedade, desejando assim testemunhar seu apego exclusivo a Cristo? Como uma modalidade de vida tão peculiar pode encontrar ressonância no mundo contemporâneo? De fato, essas perguntas não pedem uma resposta unilateral e geral. De qualquer forma, refletir sobre formas de vida tão específicas pode ajudar cada um a viver melhor sua própria singularidade em um contexto que, embora não seja o mesmo, apresenta características comuns quanto ao desejo de viver plenamente, de traçar seu caminho da forma mais livre possível, escapando ao peso das convenções, das pressões familiares, sociais ou eclesiásticas.

O tema da solidão para Deus e com Deus toca em diversas questões: sobre a solidão como dimensão integrante da pessoa humana, independentemente de sua escolha de vida; sobre a fidelidade na oração e ao longo do tempo; sobre o compromisso e a emergência de uma palavra autenticamente pessoal. Também nos lembra de que não existe um caminho previamente traçado e de que a irrupção de Deus na vida de alguém pode transformar profundamente seu curso e os códigos mais normatizados.

Se hoje os Padres do deserto são relativamente bem conhecidos por aqueles que buscam alimentar sua fé com uma mensagem substancial e eminentemente prática, o mesmo não se pode dizer das Mães do deserto. No entanto, elas existiram de fato nos desertos do Egito ou em diversas outras formas de vida

solitária, que posteriormente se tornaram comunitárias. Afinal, foi na solidão que a vida monástica teve início, ao contrário da ideia comumente aceita de que a vida monástica se resume à vida cenobítica ou comunitária.

As *Sentenças dos Padres do deserto*,¹ referência nesse campo, mencionam apenas três nomes de mulheres: amhá (que significa “mãe”) Sarra, amhá Sinclética e amhá Teodora. Elas também fazem referência a mulheres anônimas, como aquela que, disfarçada de homem, só foi reconhecida como mulher no momento da preparação do corpo para o funeral; uma antiga prostituta convertida pelas orações de abbá Serapião, entre outras. A hagiografia, as regras de vida e as cartas constituem outras fontes. Esses textos nos informam que mulheres viveram esse ideal monástico, sozinhas ou em comunidade: Maria do Egito; Maria, irmã de São Pacômio, considerado por alguns o “fundador” do cenobitismo; a “louca” de Tabenese...

Nosso percurso não se limitará apenas aos desertos do Egito, mas se expandirá para a esfera da Capadócia, com Macrina, irmã dos santos Basílio e Gregório de Nissa, assim como para a esfera da Palestina, com as duas Melânias, Paula, Eustóquia e outras grandes damas romanas que se estabeleceram nesse local, próximas a Rufino de Aquileia ou a São Jerônimo. Infelizmente, a documentação sobre essas mulheres, em geral, não foi escrita por elas mesmas e não está isenta de representações ou até mesmo de preconceitos em relação a elas. Nesse aspecto, a Igreja não difere das sociedades em que, até recentemente, a história foi escrita por homens e sob a perspectiva masculina. As mulheres, embora sempre presentes na realidade, estão notavelmente ausentes dos registros históricos.

1 *Les Sentences des Pères du désert. Collection alphabétique*, Solesmes: Abbaye Saint-Pierre de Solesmes, 1981. Doravante, será feita referência às “sentenças” ou “apoftegmas”.

Pareceu-me interessante, justamente, ir ao encontro dessas mulheres do deserto, para ver como elas abriram caminho em um universo predominantemente masculino, e como sua palavra e seu modo de vida podem nos falar espiritualmente. Essa busca pode nos ajudar a refletir sobre o lugar das mulheres na Igreja e a compreender um pouco melhor o peso dos preconceitos e das contradições que ainda as afetam, e que algumas delas também reproduzem. Nesse contexto, é emblemático o pensamento de João Cassiano, que viveu nos desertos do Egito antes de fundar dois mosteiros — um feminino e outro masculino — em Marselha, influenciando profundamente toda a tradição espiritual ocidental. Refiro-me a um trecho das *Instituições cenobíticas* (11, 18), citado por L. Leloir em *Deserto e comunhão*:²

Tal é o antigo julgamento dos Pais, ainda em vigor hoje, e que posso expressar sem constrangimento, eu que não pude nem evitar minha irmã nem fugir das mãos do bispo: o monge deve absolutamente fugir das mulheres e dos bispos. Nenhum dos dois, de fato, permite-lhe, uma vez que se tornou próximo deles, dedicar-se depois à tranquilidade da cela ou aderir, com um olhar de grande pureza, à contemplação divina por meio da consideração das coisas santas.

Quando se trata dos bispos, o monge deveria se proteger da vaidade que poderia ser despertada pela ordenação presbital e pelo seu exercício no contexto da vida monástica — ou da dispersão que poderia decorrer de uma nomeação para uma “paróquia”. Quanto às mulheres, a tentação vem por meio delas, como sabemos desde que Gênesis 3 foi lido de forma fundamentalista,

2 LELOIR, Louis, *Désert et communion* (Spiritualité orientale 26), Bégrolles-en-Mauges: Éditions de Bellefontaine, 1997.

sem esquecer os clichês sobre sua propensão a fofocas, que se tornaram lugares-comuns na literatura que as aborda.

Como nos são relatados, os discursos e modos de vida dessas mulheres dos séculos IV e V são geralmente bastante austeros, mas sempre tonificantes. Elas se situam mais no lado profético do que no lado sapiencial do cristianismo. Pode-se dizer que o foco está no aspecto de ruptura que a vida cristã instaura, e não no de continuidade, no sentido de que o “homem novo”, para retomar uma imagem paulina, poderia emergir do “homem antigo” sem sobressaltos ou dores. O coração é seduzido e chamado a se expandir ao longo da vida, é claro, mas essa expansão não ocorre sem desapego, sem renúncia. Os escritos monásticos antigos, assim como ocorrerá também na Idade Média ou mais tarde, falam pouco sobre a experiência de união com Deus. Geralmente, a descrição sobre as graças recebidas é uma prática; ela é muito pensada, pois a busca pelo ocultamento faz parte integrante da caminhada monástica, sem contar o receio de ser mal ou superficialmente compreendido. A convicção de que uma experiência íntima não pode ser colocada em praça pública, pois ela diz respeito ao “segredo do Rei”, também entra em jogo. Por outro lado, os aspectos de luta, de trabalho sobre si, são amplamente expostos. Essa descrição pode também refletir a consciência do caráter único de toda experiência de Deus. Se o compartilhamento das práticas pode ser útil, a relação com Deus é, por definição, profundamente pessoal.

Os documentos que constituem a base deste trabalho apresentam algumas constantes ou figuras arquetípicas: as mulheres muito jovens, que recusam o casamento proposto ou imposto por suas famílias, em uma época em que elas não tinham escolha; as prostitutas convertidas; as viúvas ou as mulheres que, com seus maridos, decidiam se orientar para a vida monástica após alguns anos de vida conjugal. As modalidades de vida se

desdobram da seguinte forma: solidão eremítica com mais ou menos redes “sociais”; reclusão em um mosteiro, em uma casa familiar, em um eremitério, em uma sepultura, com frequência em meio urbano ou semiurbano para essa forma de vida; grupos informais ao redor de uma amhá, mosteiros de tipo familiar ou constituídos geralmente a partir de uma personalidade carismática viva ou já falecida, mas cuja aura perdura. Algumas dessas mulheres têm servos ou servas, que compartilham ou não sua vida. Finalmente, observa-se uma liberdade de movimentos, seja em relação aos locais de implantação ou aos estilos de vida. São muitos os elementos que nos convidam a abandonar os preconceitos nos quais, às vezes, estamos atolados.

Este livro tem uma história que começa com um módulo de teologia feminista cursado na Universidade de Estrasburgo, enquanto eu era monja em um mosteiro beneditino e me questionava sobre o monaquismo feminino, ainda relativamente florescente na época, mas do qual eu percebia, no entanto, a necessidade de renovação devido ao crescente distanciamento da sociedade e da cultura contemporânea, e também devido ao primado da sobrevivência da instituição sobre a preocupação de acompanhar as pessoas em seu caminho pessoal. Ora, os séculos IV e V constituem uma referência constante para o monaquismo contemporâneo sempre que se sente a necessidade de um renascimento, sempre que se impõe um aprofundamento do sentido da vida monástica. Mas até que ponto a história pode ser mestra da vida e contribuir para a renovação de um monaquismo feminino, marcado há séculos por estereótipos persistentes?

Para se convencer disso, basta ler, no novo Código de Direito Canônico, o que diz respeito, respectivamente, aos monges e às monjas, especialmente se os primeiros forem clérigos – o destino dos irmãos leigos não sendo mais invejável do que o das suas

irmãs quando surgem as dificuldades. A vida cotidiana também revela preconceitos de ordem social e psicológica, que contribuem para dar à monja, sob o pretexto de humildade e obediência, uma imagem bem específica, levando ao extremo as “virtudes” ditas femininas de passividade, de dependência, chegando até à infantilização, e mesmo à despersonalização dos sujeitos, em alguns casos, e à impossibilidade de tomar a vida nas próprias mãos e de ter relações autênticas. A monja continua, em última instância, dependente do homem (padres, confessores, visitantes canônicos, abades gerais) no que diz respeito à vida espiritual; ela é feita para se calar, ser ensinada, guiada e protegida, mesmo que algumas consigam fazer ouvir a sua voz, frequentemente a um alto custo.

Basta ouvir certos monges para ser “edificado” pelos comentários feitos sobre suas irmãs. Assim, durante um retiro pregado em um mosteiro beneditino, um monge falava de uma monja com uma personalidade forte, que havia causado vários problemas na comunidade. Depois de “retornar ao trilho”, após um período particularmente difícil, ela passava agora a ser admirada por esse monge: “Sim, agora ela é uma boa moça, uma boa moça!”. Outro monge, que havia sido capelão de monjas, divertia-se com as mesquinhas que constituem o cerne de muitas vidas comunitárias e destacava a característica dita feminina de implicar-se por trivialidades; e isso sem se questionar sobre as condições de vida a elas impostas: confinamento, falta de formação, trabalho pouco motivador... Esse tipo de comentário também pode ser encontrado na sociedade civil sob formas de expressão diferentes, mas é cada vez menos tolerado. Lembremos que, no Ocidente, as coisas começaram a mudar no início do século XX, e é difícil de se perceber hoje que, na França, as mulheres casadas foram liberadas da tutela do marido em julho de 1965. Antes dessa data, elas não podiam, entre outras coisas, trabalhar sem a autorização dele, nem assinar um cheque.

Pode-se dizer que um olhar crítico sobre as fontes é necessário. Mas elas são significativas para a vida das monjas dos séculos IV e V, ou pertencem ao que algumas feministas denominam de “*he-story*”? Quais rostos da mulher esses textos fundadores nos revelam? O monaquismo que se expressa neles testemunha um mundo renovado pela ressurreição de Cristo, um mundo no qual homens e mulheres têm seu lugar respectivo e estão livres de qualquer vontade de dominação ou de aniquilação mútua? Em uma palavra, esses documentos podem ajudar as monjas contemporâneas e, mais amplamente, as cristãs a encontrar uma identidade específica, a tomar consciência dos carismas e capacidades muitas vezes ocultos? Ou certos textos antigos contribuem para uma fuga da realidade humana e para a construção de um ideal ou de uma ideologia, que dificilmente podem ser portadores de vida?

Ao longo dos anos, e tendo optado pela vida eremítica, a questão da relação entre carisma e instituição foi gradualmente se impondo, ainda mais porque o monaquismo feminino sofreu grave hemorragia. As monjas partem, as jovens não se apressam em adotar esse tipo de vida, e a média de idade só aumenta. E, no entanto, mulheres continuam atraídas pelo monaquismo, mas rapidamente desistem assim que entram em contato com a realidade da existência comunitária e suas práticas. Todas essas questões me levarão a prestar atenção nas repercussões da institucionalização do monaquismo, na transição do eremitismo para o cenobitismo – um fenômeno progressivo, cujos vestígios podem ser encontrados em certas fontes – e, por fim, no apagamento do sujeito em benefício da comunidade, uma coesão vivida mais como unicidade do que como comunhão de pessoas diferenciadas. Até que ponto a alteridade pode ser vivida em comunidades que tenderão cada vez mais a se fechar sobre si mesmas, com a instituição de uma